

AS NOÇÕES DE COERÊNCIA/COESÃO NO LIVRO DIDÁTICO *LINGUAGENS*

THE NOTIONS OF COHERENCE / COHESION IN THE DIDACTIC= BOOK *LINGUAGENS*

Douglas Wígner Brasil Maia Coutinho¹

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo analisar como a noção de coerência/coesão está presente no livro didático *linguagens*, de Cereja e Magalhães. Para isso, nossa base teórica serão os trabalhos de Cavalcante (2011), que introduziu a necessidade de estudar os fenômenos da coerência e da coesão de forma indissociável; Garantizado Júnior (2011), sob a influência de Cavalcante (2011), apresentou as noções preliminares de se considerar os fenômenos mencionados, levando-se em conta os processos referenciais, o tópico discursivo e a noção de sequência textual argumentativa e, por último, Garantizado Júnior e Cavalcante (2016), que analisaram como a coesão pode ser vista além de apenas os elos coesivos. Metodologicamente, optamos em analisar o capítulo 3 do volume 1 da obra, usada na 1ª. Série do ensino médio. Os resultados mostraram que, embora os elementos estejam presentes no manual didático, os produtores não chegam a se posicionar e a conceituá-los apropriadamente, explorando-os em atividades que, muitas vezes, trazem diversos aspectos da Linguística de texto. Nas atividades, já podemos perceber que o livro aborda os termos ora conjuntamente, ora separadamente, havendo divergência com a teoria aplicada a este estudo.

Palavras-chave: Coesão; Coerência; Livro didático

Abstract: The present work had as objective to analyze how the notion of coherence / cohesion is present in the textbook *Linguagens*, of Cereja and Magalhães. For this, our theoretical basis will be the works of Cavalcante (2011), which introduced the need to study the phenomena of coherence and cohesion in an inseparable way; In this paper, we present the preliminary notions of considering the mentioned phenomena, taking into account the referential processes, the discursive topic and the notion of argumentative textual sequence, and finally, Garantizado Júnior and Cavalcante (2016), who analyzed how cohesion can be seen beyond only the cohesive links. Methodologically, we opted to analyze chapter 3 of volume 1 of the work, used in the 1st. High School Series. The results showed that, although the elements are present in the didactic manual, the producers do not get to position themselves and to conceptualize them properly, exploring them in activities that often bring different aspects of text linguistics. In the activities, we can already see that the book addresses the terms here together, now separately, and there is disagreement with the theory applied to this study.

Key words: Cohesion; Coherence; Textbook

Introdução

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) postulam o ensino de Língua Portuguesa como meio de subsidiar o aluno a ter total e eficaz propriedade do uso da linguagem oral e da linguagem escrita, buscando romper com o sistema de ideias densamente tradicional que penetrara o ensino de Língua Materna. Uma inovadora concepção de língua e linguagem se instala, não mais visualizando a língua como expressão do pensamento nem como ferramenta de comunicação, mas a língua como meio de interação entre sujeitos (ouvintes/falantes) que, por intermédio da linguagem, geram sentidos, produzem sentidos, enunciam opiniões, divergem, acordam, enfim, discorrem por meio da língua.

¹ Graduando em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira. Redenção, CE. E-mail: douglas.brasil@gmail.com.

Lecionar Língua Portuguesa, nessa extensão, é ensinar o aluno a ser um usufrutuário competente da língua oral e da língua escrita, nas mais plurais situações de uso e registro. Espera-se que a aula de Língua Portuguesa seja um ambiente em que a palavra seja utilizada, sendo o espaço do confronto entre seres que leem e escrevem, no grau de que ao se apreenderem como principais sujeitos, utilizem a linguagem como oportunidade de leitura e escrita do outro e de si mesmo, marcando, verbalmente, sua vida através da expressão. Em termos práticos, é por intermédio do Livro Didático que o professor busca empreender as atuais noções teórico-práticas dos fenômenos linguísticos em sala de aula, embora isso ainda tenha uma grande resistência na estrutura do ensino tradicional que, em muitos momentos, valoriza muito as regras gramaticais. Trazendo essa discussão para as aulas de produção textual, percebemos ainda uma grande dificuldade, por parte dos materiais teóricos apresentados para professores e alunos, para acompanharem as teorias recentes que lidam com os estudos da Linguística de Texto.

Nessa perspectiva, vislumbrou-se a questão norteadora de nosso trabalho: como os livros didáticos usados pela rede pública de ensino do município de Redenção apresentam a noção de coerência textual no material usado pelos professores nas aulas de produção textual? Para respondermos a esta pergunta, nossa base teórica serão os achados de Cavalcante (2011), que indicou a necessidade dos fenômenos da coerência e da coesão serem analisados como um contínuo indissociável, e o trabalho de Garantizado Júnior (2011), sob a influência de Cavalcante (2011), defendeu as noções preliminares para a definição do que ele chama ser coerência/coesão.

Metodologicamente, como as escolas públicas estaduais do município de Redenção utilizam o livro *Linguagens*, de Thereza Cochar Magalhães e William Cereja, nas aulas de produção textual, optamos por fazermos nossa análise deste material. Ele é disposto em três volumes (para 1º, 2º e 3º ano médio), produzidos para os anos 2015, 2016 e 2017. Neste trabalho, faremos a análise apenas do 1º. Volume, usado para a 1ª. Serie do ensino médio. A coleção é utilizada em massa pelas escolas da região, tornando-o o mais utilizado e a escolha dele se deu de forma democrática, através de uma análise entre gestão e professores de língua portuguesa, a consenso dos grupos. Segundo o Portal do MEC, o livro didático precisa ser apropriado ao projeto político-pedagógico da escola, ao aluno e professor, e à realidade sociocultural das instituições. Os professores podem selecionar os livros a serem utilizados em sala de aula somente pela internet, no portal do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE),

Em termos de organização, nosso trabalho será constituído das seguintes partes: inicialmente, faremos uma análise, de modo geral, do livro didático. Mapeando exercícios que trabalhem coerência e coesão. Após isso, já com as atividades devidamente selecionadas, visualizaremos como ocorre a abordagem de tais conteúdos no livro didático.

I As várias visões das noções de coerência e de coesão

A coerência e a coesão são fenômenos trabalhados em estudos de diversos pesquisadores que tratam essas noções, cada um com uma perspectiva específica, como veremos no decorrer deste artigo. Sendo assim, sabemos que coerência é a relação lógica entre as ideias e coesão trata-se da conexão, ligação, harmonia entre os elementos de um texto.

Halliday e Hasan (1976) desenvolveram uma das pesquisas iniciais sobre a acepção da coerência e da coesão. Para eles, por meio da coesão, podemos constituir relações de sentido que delimitam o texto como um texto, isto é, por meio das relações coesivas é provável diferenciar um texto de um não-texto. Ainda seguindo as concepções de Halliday e Hasan (1976), a coesão é uma condição necessária, ainda que não tão eficiente sozinha, para a criação do texto. É através dela que se designa a textura (ou tessitura) de um texto e, logo que já marcamos, é possível assinalar um texto de um não-texto.

Beaugrande e Dressler (1983) postulam que existem sete fatores responsáveis pela textualidade: a coerência e a coesão (de natureza linguística e conceitual); e a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade (de natureza social e pragmática). Para os autores, a coerência está inteiramente conexa com a continuidade de sentidos pela qual está instaurada em um texto, contudo, já contém informações compartilhadas. Os autores constituíram a coesão e a coerência em níveis diferentes de análise.

Outro trabalho importante foi o desenvolvido por Charolles (1978), que possui uma abordagem na qual conceitua a coerência por meio do que ele nomeia de metarregras. Nesta ideia, ele acredita que existem quatro metarregras que garantem textualidade ao texto, a saber: repetição, , não contradição e relação.

Na metarregra de repetição, o autor postula que o desenvolvimento de um texto deve possuir elementos de repetição, a fim de assegurar seu estilo sequencial, seu desenvolvimento coeso e continuado, para que não haja rupturas, ou seja, os recursos linguísticos disponíveis para realizar as repetições.

A metarregra de progressão ocorre por meio de um balanço em meio à retomada das informações dadas e à organização dos elementos novos, situados a partir de “uma

contribuição semântica constantemente renovada” (CHAROLLES, 1997, p. 58). Ou seja, o texto deve retomar seus elementos conceituais e formais, mas não deve limitar-se a isso. A progressão auxilia na produção da primeira metarregra, pois a coerência do enunciado alcança mais do que a repetição de elementos.

Na metarregra de Não Contradição, temos o fato de as ocorrências não poderem se contrariar, devem ser compatibilizadas entre si e com o universo a que se referem, já que a natureza textual tem que ser compatível com a natureza que representa. De tal forma, Charolles (1997) aponta que para um texto ser coerente não se pode contrariar o assunto a que o texto se refere.

Por fim, Charolles (1997) destaca a metarregra de relação, que ocorre quando a relação em um texto faz referência à configuração como seus elementos se emendam, como se aparelham, que papéis exercem uns em relação aos outros. As relações entre os fatos têm que está presente e serem pertinentes.

Costa Val (2006), recebendo fortes influências de Charolles (1997), propõe uma reformulação das metarregras. A mudança se dá a duas das metarregras: a repetição, que passa a ser chamada de continuidade, e a relação, que para a autora passa a ser articulação. Costa Val (2006) considera continuidade como a importante “retomada de elementos no decorrer do discurso” (COSTA VAL, 2006, p.21). Outrossim, a articulação refere-se ao modo como os fatos e conceitos elencados no texto se relacionam, como se estabelecem, que funções assumem em relação aos outros.

De acordo com a autora, a coerência é considerada o fator central da textualidade, pois é encarregada pelo sentido do texto, compreende não exclusivamente elementos lógicos e semânticos, mas, além disso, cognitivos. O seu significado é concebido não só pelo produtor, mas também pelo receptor. A coesão, de acordo com Costa Val (2006), é a demonstração linguística da coerência, incumbido pela unidade formal do texto, arquitetado por meio de mecanismos gramaticais e lexicais.

Como vimos, os trabalhos analisados, embora falando sobre coerência e coesão de forma até diferente em termos teóricos e analíticos, trazem em comum o fato de se remeterem aos fenômenos como duas partes diferentes no processo de geração de sentidos. Além disso, há uma valorização da coesão como elementos sequenciais e elos coesivos somente, o que faz o trabalho de Cavalcante (2011) e o de Garantizado Júnior (2011), os quais entendem a necessidade de estudar os elementos implícitos presentes no texto e vendo a coesão textual não apenas como elementos presentes na superfície textual.

II Da coerência e coesão para a coerência/coesão

Influenciado pela proposta de Cavalcante (2011), Garantizado Júnior (2011) desenvolveu um trabalho em que a coerência e a coesão são elementos “indissociáveis” e que se compõem através da conjunção de fatores alheios, não exclusivamente no plano textual, mas ao mesmo tempo de uma constituição efetivadas pelos interlocutores, numa circunstância de interação produzida pela ação de uma ala de fatores de camada cognitiva, situacional e interacional.

[...] a coerência/coesão reflete o estabelecimento de uma relação, tanto semântica como pragmática, entre os elementos de uma sequência, o que propicia a criação de uma unidade de sentido que pode não se apresentar explicitamente para o coenunciador, pois, na realidade, é construída por este no processo de interação dele com o texto. Defendemos, assim, que os sentidos não vêm prontos, pré-formulados por quem fala/escreve, mas são construídos também pelo ouvinte/leitor a partir de suas experiências socioculturais. (GARANTIZADOJUNIOR, p.19, 2011).

Para o autor, a coerência/coesão (“elementos indissociáveis”) supõem o estabelecimento de uma relação, tanto semântica como pragmático-discursiva, entre os elementos de uma sequência, o que propicia a criação de uma unidade de sentido que nunca se apresenta de todo explícita para o coenunciador, pois, na realidade, é construída por este no processo de interação dele com o texto e com os discursos e suas condições de produção.

Garantizado Junior (2011) apresentou uma noção “preliminar” do que ele chama de coerência/coesão. Consideramos que o autor conceitua os fenômenos de maneira mais expandida, partindo da discussão teórica principiada pelos pesquisadores da Linguística de Texto, levando em consideração, também, os “processos referenciais” e o “tópico discursivo” como elementos que geram e proporcionam a coerência/coesão.

Esse posicionamento será a base para o desenvolvimento deste trabalho, pois os conceitos de coerência e de coesão textual são apresentados como sendo um contínuo, coerência/coesão, responsável por proporcionar o sentido de um texto para quem o (re)constrói, durante a interação. Ou seja, resumidamente, GARANTIZADO JUNIOR (2011) confirma em seus estudos que

A coerência e a coesão se constituem a partir conjunção de fatores abstraídos não apenas da superfície textual, mas também de uma construção feita pelos interlocutores, numa situação interativa dada pela atuação de uma série de fatores de ordem cognitiva, situacional e interacional (GARANTIZADO JUNIOR, p.19, 2011)

Para chegar a tal afirmação, agora comprovada, o autor fomenta uma discussão a respeito da noção de coerência/coesão mediante das pressuposições teóricas de distintos autores da Linguística Textual, conjecturando acerca da evolução desses conceitos. A seguir, analisaremos como as noções discutidas nesta seção foram abordadas no livro didático do volume 1 do livro *Linguagens*.

III Análise dos dados

No livro 1 da coleção, os produtores trazem um capítulo todo destinado para falar sobre o que eles intitularam como “Texto e Discurso- intertexto e interdiscurso”. De forma clara, percebemos uma aproximação terminológica entre os termos usados no Manual Didático e os novos fenômenos que a Linguística de Texto vem pesquisando ao longo da última década. Para isso, apresenta-se o quadro de Picasso e, em seguida, temos uma atividade, que demonstramos a seguir:

Figura 1- Atividade de definição do capítulo

1. O anúncio tem um claro propósito comunicativo. Em relação a ele, responda:

- Quem são os interlocutores?
- Qual é sua finalidade principal?
- De que tipos de linguagem ele é constituído?
- Levante hipóteses: Em que veículos ele pode ter circulado?

2. A linguagem não verbal do anúncio é constituída por um desenho que faz referência ao quadro *Guernica*, de Pablo Picasso (abaixo), mundialmente conhecido por retratar os horrores da Guerra Civil Espanhola, ocorrida na década de 1930. Abaixo do desenho, lê-se: “Mudam os personagens, não muda a tragédia. Junte-se”.

3. Para que um anúncio seja bem-sucedido, é necessário que ele chame a atenção do público e conquiste sua simpatia para aderir à ideia veiculada.

- Que estratégias de persuasão o anúncio lido utiliza?
- Na sua opinião, tais estratégias são eficientes? Por quê?

a) Observe novamente o desenho e compare-o ao quadro de Picasso. Que mudança principal pode ser observada em relação às personagens?

b) Levante hipóteses: Por que, segundo o anúncio, a tragédia “não muda”?



Guernica (1937), de Picasso, expressa a indignação do artista diante do bombardeio do pequeno povoado de Guernica, na região basca da Espanha, ordenado pelo general Franco. Naquele momento, Franco era apoiado pelo nazismo alemão e pelo fascismo italiano.

Fonte: Cereja e Magalhães (2013, p. 146).

Como podemos perceber, apesar de estarmos num capítulo sobre os fatores de textualidade, o início da atividade aborda interpretação textual, com ênfase maior no fenômeno da argumentação. A questão 1, por exemplo, traz à baila a discussão sobre os propósitos

comunicativos presentes no texto de Picasso; Na questão 02, o assunto tratado é a relação linguagem verbal e linguagem não verbal; na questão 03, o assunto tratado são as estratégias de persuasão presentes no anúncio. Isso confirma o que Garantizado Júnior (2011) defende em seus trabalhos que, a argumentação, principalmente a compreensão das técnicas argumentativas e da sequência textual argumentativa, somando-se à noção de tópico discursivo, serve para a compreensão global do texto, logo da coerência/coesão.

O que se percebe no material analisado é uma tentativa de produzir os sentidos por meio de atividades voltadas para a interpretação textual. O texto é o elemento central de análise dos conceitos. Entretanto, o que podemos notar é que, ao fazer isso, os produtores não se posicionam diretamente sobre os fenômenos, pois sempre há um texto e, em seguida, há atividades sobre ele e nestas temos a introdução de conceitos teóricos que não são mostrados. No capítulo em análise, para nós, seria crucial uma parte destinada para a conceituação teórica dos fenômenos, o que facilitaria muito para os professores e, principalmente, para os alunos. Observemos como o livro tenta definir “textualidade, coerência e coesão”:

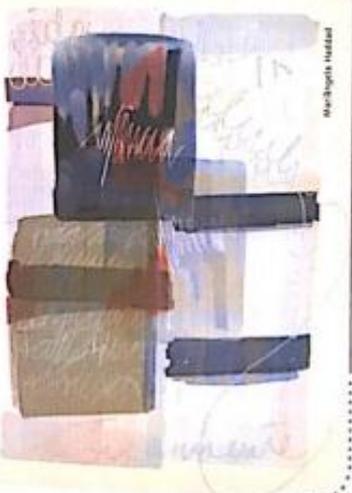
Figura 2- Definição de textualidade, coerência e coesão no livro

TEXTUALIDADE, COERÊNCIA E COESÃO

Uma das grandes obras da literatura brasileira é *Grande sertão: veredas*, do escritor mineiro Guimarães Rosa. O narrador, o ex-jagunço Riobaldo, apesar de ser um homem simples do sertão, faz reflexões filosóficas profundas, cheias de poesia e sabedoria. Leia o que essa personagem pensa sobre contar histórias e sobre a saudade.

Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com outros acho que nem se misturam [...]. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo coisas de rasa importância. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras de recente data. Toda saudade é uma espécie de velhice. Talvez, então, a melhor coisa seria contar a infância não como um filme em que a vida acontece no tempo, uma coisa depois da outra, na ordem certa, sendo essa conexão que lhe dá sentido, princípio, meio e fim, mas como um álbum de retratos, cada um completo em si mesmo, cada um contendo o sentido inteiro. Talvez seja esse o jeito de escrever sobre a alma em cuja memória se encontram as coisas eternas, que permanecem...

(Guimarães Rosa. Apud Rubem Alves. *No mercado das palavras*. Campinas: Paprus, 2003. p. 139.)



Fonte: Cereja e Magalhães (2013, p. 148).

Na figura 2, percebemos pelo título da seção que os produtores irão iniciar um trabalho de conceituação dos fenômenos a serem tratados. Para isso, usa-se um texto de Guimarães Rosa, em que a personagem central da obra *Grandes Sertões: Veredas*, Riobaldo, faz uma reflexão

sobre como é contar histórias e sobre a saudade. O que notamos é uma demonstração de como usar o texto a favor de atividades lúdicas, mas que não apresentam as noções tratadas de forma mais pontuais.

Nesse caso, o conceito não é definido no material e, em seguida, já temos uma atividade, na página seguinte, sobre o texto de Riobaldo, trazendo fenômenos que caracterizam a coerência e a coesão. Para provarmos isso, observemos a figura 3, a seguir:

Figura 3- Atividade sobre Textualidade, coerência e coesão

1. Um texto, para ser um texto de verdade, não pode ser um punhado de frases soltas. Ele precisa apresentar conexões, tanto gramaticais quanto de ideias. Observe as três primeiras frases do texto. A segunda e a terceira frases iniciam-se, respectivamente, com as palavras *não* e *mas*.
 - a) Que ideia anteriormente expressa é negada pela palavra *não*?
 - b) A palavra *mas* introduz uma ideia que se opõe a outra anteriormente expressa. A ideia anterior se encontra na primeira ou na segunda frase?
2. A palavra *uns*, da quarta frase, refere-se a um termo anteriormente expresso, no interior da mesma frase. Qual é esse termo?
3. Leia este trecho:

"Toda saudade é uma espécie de velhice. Talvez, então, a melhor coisa seria contar a infância não como um filme em que a vida acontece no tempo, uma coisa depois da outra, na ordem certa, sendo essa conexão que lhe dá sentido, princípio, meio e fim"

 - a) Qual das ideias a seguir expressa o sentido da palavra *então* no contexto?
 - adição
 - oposição
 - conclusão
 - consequência
 - b) O trecho "uma coisa depois da outra, na ordem certa" cumpre o papel de explicar uma afirmação anterior. Qual é essa afirmação?
4. Nas questões anteriores, você observou algumas das conexões gramaticais do texto. Além delas, existem também as conexões de ideias. No início do texto, o autor afirma que é difícil contar seguidamente os fatos da infância, pois eles se remexem e não aceitam a ordem linear do tempo. Diante dessa dificuldade, o autor sugere um método para contar fatos tão distantes.
 - a) Qual é esse método?
 - b) Dê sua opinião: Com essa sequência de ideias, o texto se mostra coerente, com ideias que se complementam, ou se mostra confuso, com ideias contraditórias e incompletas?
5. Faça uma experiência. Leia o texto de trás para a frente; depois, leia-o do meio para o início e do meio para o fim. Finalmente, conclua: A sequência do texto é importante para que ele apresente determinado sentido?

Fonte: Cereja e Magalhães (2013, p. 149).

Na questão 01, como podemos observar, indiretamente, os produtores já nos colocam uma opinião sobre o que conceitua como texto. O enunciado da questão, que nos é colocado como "um texto, para ser um texto de verdade, não pode ser um punhado de frases soltas", já demonstra uma visão que se assemelha às noções de Garantizado Júnior (2011) e de Cavalcante (2011). Entretanto, se continuarmos com a leitura dessa questão, temos que um texto precisa de "conexões, tanto gramaticais quanto de ideias" para se fazer ser um texto "de verdade", seguindo o que os produtores defendem. Sobre isso, observemos o que Garantizado Júnior e Cavalcante (2016) nos falam em um artigo recente:

Consideramos que a coerência/coesão se dá tomando-se como base também os fatores propostos por Beaugrande e Dressler (1981), Charolles (1978), Koch e Travaglia (2008) e Costa Val (2006), além de diversos fatores

sociocognitivos, que ativam conhecimentos compartilhados. Contudo, deve-se dizer que não estamos defendendo que o fenômeno da coerência/coesão se dá a partir da união de todas essas perspectivas em um só momento ou que a falta de um desses fatores possa propiciar a falta de coerência/coesão, pois ver o fenômeno dessa forma, para nós, seria fazer uma junção de perspectivas teóricas com objetivos e propósitos diferentes. Na verdade, **o que queremos demonstrar é que o fenômeno é muito mais complexo e não se limita somente aos mecanismos de coesão (tradicionalmente chamados na literatura especializada de elos coesivos)** (GARANTIZADO JÚNIOR; CAVALCANTE, 2016, p. 149 [grifos nosso]).

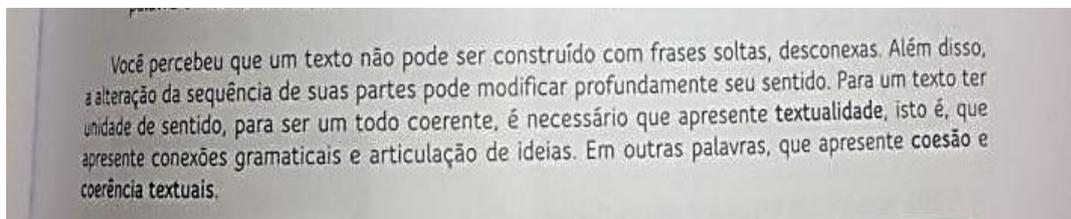
Como podemos perceber, Garantizado Júnior e Cavalcante (2016) consideram a possibilidade de termos a coesão textual não apenas com os tradicionais elos coesivos. Entretanto, na atividade em questão, os produtores definem a textualidade (o que faz com que um texto seja um texto) a partir da necessidade da presença de elos coesivos sequenciais. Isso é demonstrado pela forma como a atividade exige do aluno a compreensão apenas semântica do uso do advérbio “não”, no item a, e “mas”, no item b da questão 01.

A questão 02, por exemplo, aborda a introdução de uma informação nova por meio de um processo referencial. Entretanto, não há uma apresentação teórica do que seria em si o fenômeno que será cobrado na atividade. Parece que o livro didático busca fazer uma junção entre teoria e prática juntas nas atividades e, para isso, usam múltiplos textos para isso. Sabe-se que é muito pertinente o uso de textos para a condução de discussões teóricas, mas consideramos que, da forma como estão dispostos os aspectos teóricos e práticos, o professor fica com grandes dificuldades de apresentar o conteúdo da aula que, lembremos, seria “Texto e discurso- intertexto e interdiscurso” para os alunos. Apesar de contestada a maneira como o conceito é tratado no livro, percebemos um avanço considerável, pois temos a preocupação em indicar os processos referenciais como elemento capaz de proporcionar a coerência textual e a coesão, como defende Garantizado Júnior (2011).

A questão 03 é um bom exemplo de visão da coesão apenas como elos coesivos. É muito comum nos manuais didáticos questões dessa natureza, que exploram apenas o aspecto semântico de um conectivo dentro da tessitura textual. Para esta questão, o produtor quer saber qual o valor semântico que o uso do “então” causou e, em seguida, apresenta opções para que o aluno reflita e marque o item que achar mais adequado. Novamente, há uma aproximação com ensino tradicional, pautado no uso de apenas elos coesivos e uma visão reducionista de coesão textual.

Chamou-nos atenção que, depois da atividade, os produtores trazem uma reflexão, uma espécie de tentativa de “fechamento” do assunto ao indicar as palavras centrais que estiveram sendo debatidas no exercício.

Figura 4- definição de textualidade



Fonte: Cereja e Magalhães (2013, p. 149).

As noções de coerência textual e coesão textual dos autores estão relacionadas, como podemos perceber na figura 4, à união entre os aspectos gramaticais (mais presentes nos elos coesivos) e na articulação de ideias (mais presente na coerência). O que se evidencia, apesar de a proposta de definição não ser a que defendemos, é certa preocupação de entender os fenômenos como “unidos”, “indissociáveis”, mesmo que a noção de coesão ainda se limite a falar e tratar de elos eminentemente coesivos.

Para Garantizado Júnior e Cavalcante (2016),

(...) que os fenômenos da coerência e da coesão não estão relacionados apenas ao que é de natureza interna do texto (aos mecanismos interiores do texto que, em outras pesquisas, seriam atribuídos somente à coesão e à coerência semântica), mas, sim, também a fatores de natureza pragmática, cognitiva e sociointeracional. Essa congruência de fatores, que acabam por não distinguir entre o que é eminentemente intra e extralinguístico, levamos a propor o par indissociável coerência/coesão (GARANTIZADO JÚNIOR; CAVALCANTE, 2016, p. 141).

Tendo em vista o modelo apresentado anteriormente, tratando uma nova abordagem para coerência e coesão, mais uma vez, o livro didático separa tais elementos linguísticos, visando uma “significação”, provavelmente, para suas funções no texto. Como prova disso, vejamos:

Figura 5- Definições de coerência e coesão

Coesão textual são as conexões gramaticais existentes entre palavras, orações, frases, parágrafos e partes maiores de um texto.

As palavras que realizam articulações gramaticais, também chamadas conectores, são substantivos, pronomes, conjunções, preposições, etc. São comuns nesse papel ainda palavras como *isso*, *então*, *aliás*, *também*, *isto é*, *entretanto*, *e*, *por isso*, *daí*, *porém*, *mas*, entre outras.

No trecho "Talvez seja esse o jeito de escrever sobre a alma", por exemplo, o pronome demonstrativo *esse* é um conector, pois retoma o que foi desenvolvido antes sobre o método de contar fatos do passado "como um álbum de retratos".

Como os conectores são portadores de sentido, eles também contribuem para construir a coerência de um texto.

Coerência textual é a estruturação lógico-semântica de um texto, isto é, a articulação de ideias que faz com que numa situação discursiva palavras e frases componham um todo significativo para os interlocutores.

Fonte: Cereja e Magalhães (2013, p. 149).

Tratando por partes, iremos considerar, primeiramente, como a coesão está sendo abordada. O livro nos mostra que o termo se refere à realização de articulações gramaticais, ou seja, para os autores, coesão emoldura-se apenas a conectores, bem como os próprios exemplos citados: *isso*, *então*, *aliás*, *também*, *isto é*, *entretanto*, *e*, *por isso*, *daí*, *porém*, *mas*, *entre outras*.

Nesse ponto, há uma aproximação com a proposta de Charolles (1997), que defende o uso dos mecanismos coesivos como capazes de facilitar a interpretação do texto e a construção da coerência pelo usuário. Travaglia (2001, p. 18) defende que o princípio da competência textual está na capacidade de "em situações de interação comunicativa, produzir e compreender textos considerados bem formados", o domínio dos mecanismos de coesão textual, assim, torna-se uma excelente ferramenta, sobretudo, na clareza daquilo que se quer dizer/escrever. No que diz respeito a essa discussão (equivalência entre coerência e coesão), percebe-se que há, por parte dos autores dos materiais didáticos em estudo, uma dificuldade em organizar os dados teóricos, pois alguns temas são apenas lançados, sem a preocupação de traduzi-los para a linguagem dos discentes, para que, de fato, possam se apropriar destas descobertas.

O livro didático de Língua Portuguesa *Linguagens*, de William Cereja e Thereza Cochar Magalhães, em seus três volumes, apresenta as noções de coerência textual e coesão textual de modos fragmentados (ora nas seções que tratam de elementos de textualidade, ora nas seções que tratam de literatura, ora nas seções que tratam de interpretação textual). Os livros, desse modo, apesar de terem o texto como elemento central, acabam falhando no uso das noções de coerência textual e, principalmente, acaba se limitando à noção de coesão somente como elos coesivos nas atividades pedagógicas presentes. Ainda no capítulo em

estudo, a coerência, explorada e estudada por nós ao longo deste trabalho, encontra-se diretamente associada aos conhecimentos sociocognitivo-interacionais. Tendo tal pressuposto, vejamos como se dá o tratamento da coerência e como se associa à coesão:

Figura 6- A coerência e o contexto discursivo

A COERÊNCIA E O CONTEXTO DISCURSIVO

Além da não contradição e dos conectores, outro aspecto importante para avaliar a coerência de um texto é o *contexto discursivo*. Imagine, por exemplo, as falas seguintes, ditas por uma mãe a seus filhos:

- Está armando uma chuva muito forte. Por isso, ninguém sai de casa!
- Está armando uma chuva muito forte. Por isso, vamos sair de casa!

Os dois enunciados estão estruturalmente bem-formados, pois fazem uso do recurso coesivo *por isso*; portanto, pode-se considerar que ambos apresentam coesão. Entretanto, pelo sentido das falas, tendemos a julgar como coerente apenas o primeiro enunciado, pelo fato de geralmente pressupormos que, se uma chuva muito forte está por vir, as pessoas não devem sair de casa.

Vejamos estas duas manchetes de jornal:

**Rio sobe com chuva e secretário
recomenda ao carioca ficar em casa**

(O Globo, 29/1/2012.)

**Chuvas expulsam mais de 14 mil pessoas de casa
no Estado do Rio**

Bombeiros resgatam família soterrada dentro de fusca nesta quarta

(R7, 11/1/2012.)



No contexto discursivo da primeira manchete, o primeiro enunciado mantém-se coerente, pois ficar em casa equivale a segurança. No contexto discursivo da segunda manchete, entretanto, o enunciado "Chuvas expulsam mais de 14 mil pessoas de casa no Estado do Rio" também é coerente, pois, nessa situação, ficar em casa implica risco.

Como se vê, coerência e coesão são fatores de textualidade regulados pelo contexto discursivo. Não podem, assim, ser avaliadas em frases isoladas, desvinculadas dos textos em que estavam originalmente inseridas, desconsiderando-se a situação de comunicação.

150

Fonte: Cereja e Magalhães (2013, p. 150).

Como vimos, na figura 6, os conectores são elementos estruturantes da coerência, de tal fato, pode-se visualizar a primeira ligação, pois, na análise do enunciado exemplificado “Está armando uma chuva muito forte. Por isso, ninguém sai de casa!”, o uso de “por isso” se dá como elemento coesivo constituinte da efetivação da coerência da frase mostrada. Ou seja, o livro utiliza a coesão e suas particularidades para verificar e explicar a aplicabilidade da coerência em dados contextos. Para Garantizado Júnior e Cavalcante (2016), a coerência, sendo responsável pela configuração do sentido textual, é considerada como fator fundamental para um texto. Indo mais a fundo, os autores frisam que essa harmonia de fatores, que acabam por não distinguir entre o que é eminentemente intra e extralinguístico, leva-nos a propor o par indissociável coerência/coesão (GARANTIZADO JUNIOR; CAVALCANTE, 2016, p. 141).

Conforme Koch e Elias (2009), a coerência não se encontra no texto, mas constrói-se a partir dele, em dada situação comunicativa, com base em uma série de fatores de ordem

semântica, cognitiva, pragmática e interacional. Não podemos apontar uma coerência ou incoerência no texto aqui ou ali, pois os sentidos são resultados da interação autor - leitor envolvendo, dentre múltiplos fatores externos, uma intenção do autor (intencionalidade), uma reação por parte do leitor (aceitabilidade), os conhecimentos compartilhados (linguísticos, enciclopédico, de mundo etc.), seleção lexical e uma configuração textual (gêneros textuais).

Segundo Koch e Travaglia (2008, p. 47) “por coesão se entende a ligação, a relação, os nexos que se estabelecem entre os elementos que constituem a superfície textual”. Em outras palavras, a coesão são as relações cotextuais, internas ao texto, ou seja, as marcas que ligam os enunciados e os processos de sequencialização dentro do texto.

Figura 7: exercício sobre coesão

EXERCÍCIOS

Leia o texto:

Era meia-noite. O Sol brilhava. Pássaros cantavam pulando de galho em galho. O homem cego, sentado à mesa de roupão, esperava que lhe servissem o desjejum. Enquanto esperava, passava a mão na faca sobre a mesa como se a acariciasse tendo ideias, enquanto olhava fixamente a esposa sentada à sua frente. Esta, que lia o jornal, absorvia em seus pensamentos, de repente começou a chorar, pois o telegrama lhe trazia a notícia de que o irmão se enforcara num pé de alface. O cego, pelado com a mão no bolso, buscava consolá-la e calado dizia: a Terra é uma bola quadrada que gira parada em torno do Sol. Ela se queixa de que ele ficou impassível, porque não é o irmão dele que vai receber as honrarias. Ele se agasta, olha-a com desdém, agarra a faca, passa manteiga na torrada e lhe oferece, num gesto de amor.

(Este texto reproduz aproximadamente versão ouvida junto a crianças de Araguari - MG.)

(Apud Ingedore Villça Koch e Luiz Carlos Travaglia. *A coerência textual*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 49-50.)

1. Observe se no texto há emprego adequado de sinais de pontuação, vocabulário culto e construções de acordo com a norma-padrão. Depois conclua: O autor do texto demonstra ter domínio da linguagem escrita? Justifique sua resposta com elementos do texto.
2. Além do domínio vocabular e sintático da língua, o texto apresenta também marcas de coesão. Identifique no texto:
 - a) dois exemplos de coesão, nos quais uma palavra (substantivo, pronome, numeral, etc.) retome um termo já expresso;
 - b) dois exemplos de marcadores temporais, por meio dos quais se tenha ideia de sequência de fatos;
 - c) um conector que estabeleça uma relação de explicação.
3. Apesar de aparentemente bem-redigido, o texto apresenta sérios problemas de coerência.
 - a) A narração ocorre à meia-noite. No entanto, certas informações contradizem isso. Quais são essas informações?
 - b) Cite uma contradição relacionada ao cego e uma contradição relacionada à esposa.
 - c) Sabe-se que a Terra gira em torno do Sol. Que elementos do texto contrariam essa informação?
4. O texto em estudo foi produzido em uma brincadeira de crianças que incluía o relato de uma história absurda. Considerando que o objetivo do texto era produzir humor, conclua: O texto é incoerente ou coerente?

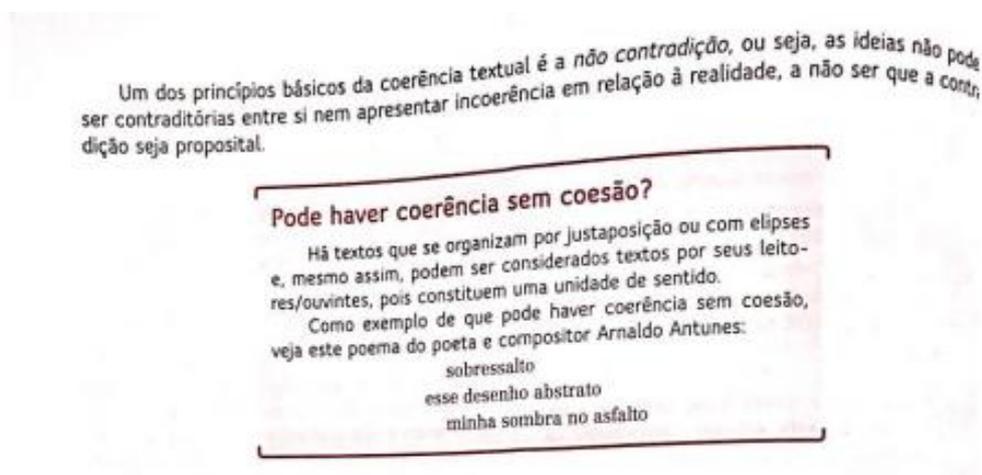
Fonte: Cereja e Magalhães (2013, p. 150).

Voltando para um teor mais gramatical do que interpretativo, a atividade da figura 7, especialmente na segunda questão, pede aos alunos que busquem marcas de coesão no texto para resolução das perguntas. No item A, pede-se dois exemplos de coesão. Tal retratação nos

faz refletir sobre como o modo individualizado prejudica o mapa de aprendizagem do aluno, que, sem dúvidas, será afetado ao trabalhar com tais elementos linguísticos desta maneira.

Na questão 4, última do exercício, traz à tona a indagação que achamos pertinente: o texto “ser coerente ou incoerente”? Garantizado Júnior e Cavalcante (2016) lembram que é evidente que, para que um texto tenha sentido, necessitamos saber da situação em que foi produzido, assim como quem o fez e, também, para quem foi feito, bem como qual a intenção que o produtor o fez e como o leitor o recebeu, e quais as informações que o texto possui. Importante falarmos que, os produtores do manual didático, nas raras vezes que trazem reflexões teóricas sobre o assunto, problematizaram, como podemos observar a seguir:

Figura 8- problematização sobre o texto e não texto



Fonte: Cereja e Magalhães (2013, p. 150).

Trazendo a noção de Costa Val (2006) sobre não contradição, os produtores fazem uma pergunta muito pertinente “pode haver coerência sem coesão?”. Sobre isso, percebemos que há uma aproximação entre a noção defendida pelos produtores do texto com o que Garantizado Júnior (2011) apresentou, assim como o que Garantizado Júnior e Cavalcante (2016) defendem. Os produtores do material consideram que informações justapostas e elipses podem acontecer e, mesmo assim, serem considerados textos com unidades de sentidos. Para a exemplificação, os produtores usam o poema de Arnaldo Antunes para indicar a possibilidade desses fenômenos.

Garantizado Júnior (2011) defende que há a possibilidade de termos coerência/coesão, mesmo num poema concreto. Para ele, a disposição das palavras, a valorização do branco, a fragmentação da palavra, apesar de não terem elos coesivos em si, em forma de conectivos e marcas linguísticas expressas, já podem trazer um fenômeno importante:

o fato de a coesão textual estar implícito, contribuindo para a geração de sentidos do texto. O autor não chega a dizer que não há coesão, na verdade, exemplos como o apresentado por Garantizado Júnior (2011) e o presente no manual didático ora analisado, confirmam que a visão de coerência/coesão se faz necessária e, como se pode perceber, já está presente em algumas atividades nas escolas, embora ainda tenhamos que ter avanços na forma em que os fenômenos são tratados de maneira teórica e prática.

Conclusão

Como demonstramos, a noção de coerência/coesão como um fenômeno contínuo se faz pertinente nos estudos de Linguística de Texto e, de forma bastante sutil, o Manual Didático *Linguagens* já aborda essa nova concepção. Entretanto, como verificamos, os exercícios presentes no livro ainda se limitam apenas a relacionar a coesão como elos coesivos sequenciais.

Em termos práticos, percebemos que a organização do livro, sem teorias mais esclarecedoras, pode dificultar o entendimento, por parte dos estudantes, do conteúdo, dificultando a aprendizagem. É importante que a obra analisada utiliza, como determina os PCNs, o texto como um produto interativo, embora isso seja feito, em muitos momentos, apenas como um pretexto para usar atividades normativas e gramaticais que visam eminentemente a estrutura semântica da língua.

REFERÊNCIAS

BEAUGRANDE, Robert- Alain de, DRESSLER, Wolfgang U. **Introduction to text linguistics**. London and New York: Longman, 1981.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português-linguagens**, vol. 1, 1º ano do ensino médio. São Paulo: Saraiva, 2013.

CHAROLLES, Michel. **Introduction aux problèmes de la cohérence des textes**. Langue française. Paris, Larousse, 1997.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006

GARANTIZADO JÚNIOR, José Olavo da Silva; CAVALCANTE, M. M. **Coerência/coesão**: uma nova forma de olhar os elos coesivos. Caderno Seminal Digital, Ano 22, N. 26, V. 1 (JUL-DEZ/2016), p. 126-153.

GARANTIZADO JÚNIOR, José Olavo da Silva. **Preliminares para a definição da coerência/coesão**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2011.

HALLIDAY, Michael.; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

KOCH, Ingedore G. Villaça.; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

_____, Ingedore G. Vilaça; Vanda Maria ELIAS. **Ler e escrever**. Estratégias de produção textual. São Paulo: Editora Contexto. 2009.

_____.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. 12ª. ed. São Paulo: Cortez, 2008.